

O HOMEM E O CAVALO, DE OSWALD DE ANDRADE: FORMA ÉPICA E CONTEÚDO SOCIAL NO TEATRO BRASILEIRO DOS ANOS 1930

Fernanda Gonçalves (PIC/UEM), Alexandre Villibor Flory (Orientador), e-mail: ra119525@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Letras/ Teoria Literária

Palavras-chave: *O Homem e o Cavalo*, modernismo, teatro épico-dialético.

Resumo:

O principal objetivo deste projeto de Iniciação Científica é estudar a peça de Oswald de Andrade intitulada *O Homem e o Cavalo*, de 1934. Em um momento de ampliação das discussões político-sociais, tanto no contexto artístico como no político-econômico, Oswald de Andrade não poderia deixar de trazer para sua obra aspectos que julgava fundamentais para a construção de um ambiente fértil e participativo na vida social. Aqui tratamos de uma peça experimental em vários aspectos, na qual as estruturas formais e temáticas rompem com os padrões conhecidos, no campo da estética teatral, em discussões que convergem com algumas posições políticas defendidas por Oswald. A dialética entre processos sociais e a criação estética ganham primeiro plano. Por este motivo, faz-se necessária uma contextualização histórica do momento em que a peça foi escrita para, em seguida, realizarmos um breve estudo dos aspectos do teatro épico de matriz brechtiana, que se faz fundamental para a análise da peça, última parte deste PIC. Esperamos, com isso, contribuir para a revisitação da atuação dos modernistas, e especialmente de Oswald de Andrade, no campo dos estudos teatrais.

Introdução

O teatro brasileiro, apesar de amplo e diversificado, ainda não recebe a atenção e o reconhecimento que lhe são devidos. Quando comparado com a recepção e discussão crítica que recebem os gêneros narrativo e lírico, no Brasil, isso fica ainda mais nítido. Esse quadro dificulta que se tenha uma avaliação mais profunda da própria literatura brasileira. Por esse motivo, e também pela riqueza do teatro nacional, justificamos a escolha da peça *O homem e o cavalo*, de Oswald de Andrade, como objeto de estudo.

No começo do século XX, Oswald de Andrade contribuiu com teatro brasileiro com peças de impacto – apesar de não serem encenadas, foram publicadas e lidas. O dramaturgo escreveu *A morta* em 1937, *O rei da vela* em 1933 (publicada em 1937,

encenada em 1967), e por fim, *O homem e o cavalo*, escrita em 1934 e nunca encenada. Apesar de menos renomada, a peça *O homem e o cavalo* dialoga com o momento histórico vivido dentro e fora do Brasil de então. Na década de 30, acontecimentos políticos marcaram e delimitaram um contexto complexo que resultaria na Segunda Guerra Mundial. Já no Brasil, um governo autoritário surge na era Vargas, a partir de 1930, que se torna a ditadura do Estado Novo em 1937. Neste emaranhado de notícias perturbadoras, Oswald se coloca para escrever uma peça que faria uma leitura histórica do mundo com um olhar inovador tanto em forma, quanto em conteúdo (o contato com as correntes estéticas inovadoras na Europa levou os autores do modernismo a fazer uma espécie de deglutição antropofágica dessas tendências, levando em conta o contexto nacional), com uma veemente crítica ao capitalismo e defesa do comunismo.

Além de aprofundar o conhecimento em teatro brasileiro, buscamos entender como a peça de Oswald se articula com o contexto citado acima. Artistas como Oswald tentam produzir um ambiente de reflexão e crítica, em contexto marcado pela censura. Além disso, Oswald não buscava encaixar um tema dentro de moldes teatrais pré-estabelecidos, usando o teatro como mero momento de abstração, o que fica claro em peças como *O homem e o cavalo*. O autor ansiava por um leitor atento, astuto, sensível à realidade e avesso a qualquer tipo de manipulação.

Materiais e Métodos

Os métodos utilizados para dar conta do percurso de análise partem da abordagem do materialismo dialético, no âmbito dos estudos teatrais. Quando Oswald quebra com os elementos formais do drama pela justaposição de quadros com cenário, personagens e tempos os mais variados, claramente há uma tensão em prol de um novo olhar, que busca enxergar (e expor) uma maneira de significar o mundo e expressar uma realidade da época. Somos levados então a crer que utilizar os moldes do drama tradicional não convém para entendermos a complexidade e a riqueza de *O homem e o cavalo*. Utilizamos perspectivas capazes de desmontar os mecanismos de fábulas tradicionais pelo breve estudo dos aspectos do teatro épico de matriz brechtiana para a análise da peça.

Resultados e Discussão

A peça de Oswald de Andrade se desdobra em nove quadros. O autor, de forma brilhante, apresenta a passagem do fascismo até a revolução socialista, dividindo a peça da seguinte forma: os primeiros 4 quadros retratam a sociedade capitalista burguesa, articulando a ela a igreja. O quinto quadro mostra a revolução, que, alegoricamente, na peça está associada ao cavalo. Este animal seria um instrumento para a travessia. Os quatro quadros finais retratam a construção do socialismo. Vista dessa forma, com certa distância, é possível associar a peça a uma perspectiva próxima ao materialismo dialético, porque Oswald estrutura a peça em uma leitura histórica do desenvolvimento humano (FREITAS, 2018,). No entanto, ela tem uma estrutura muito própria, e para podermos discuti-la é necessário olhar mais de perto. O terceiro quadro, *Debout les rats*, retrata a chegada dos personagens à

Terra. Eles chegam ao Derby de Epsom, uma corrida de cavalos. Nesse espaço ficcional encontramos cavalos que foram importantes na história ocidental, como o Cavalo branco de Napoleão e o Cavalo de Tróia.

O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — O senhor é um cavalo revoltado?
O CAVALO DE TRÓIA — Não senhor! Sou um cavalo conservador. Sou o Cavalo de Tróia! Quando me abriram, depois da última guerra, eu tinha dentro do meu bojo um cavalo de Tróia — o tratado de Versalhes!
O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — E dentro dele o que é que encontraram?
O CAVALO DE TRÓIA (Rinchando) — O chanceler Hitler!

Outra passagem, no mesmo quadro, também muito representativa, vai extrapolar forma e conteúdo, ilustrando a exploração das classes menos favorecidas, e como a parte explorada, muitas vezes, não sabe, de fato, que está sendo explorada:

O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Pelo que vejo, o senhor é muito importante!
O CAVALO DE TRÓIA — Sou o único cavalo da história! O meu verdadeiro nome é Tratado de Paz. Apareço sempre no fim das guerras.
O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!
O CAVALO DE TRÓIA — O que é que o senhor está rinchando aí? Tipo difuso, entre centauro e veado!
O CAVALO BANCO DE NAPOLEÃO — Cavalo! O único cavalo da história, sou eu! Em todas as batalhas do mundo, tenho tomado parte. Sou o cavalo que não morre! O cavalo do comandante!

Na briga para saber quem foi o mais importante, os cavalos não se dão conta que foram meros meios para que seus respectivos donos alcançassem seus objetivos. Quando o cavalo de Napoleão diz que ele é o cavalo que não morre, porque é o cavalo do comandante, percebemos que o comandante não luta; alguém vai à batalha em seu lugar e, conseqüentemente, morre em seu lugar. Por seu turno, o Cavalo de Troia representa o acordo traiçoeiro que, em lugar da paz, já prepara uma nova guerra. O tratado de Versailles, firmado em 1919 entre os vencedores da Primeira Guerra, foi muito duro com os alemães. As exigências do tratado foram responsáveis, entre outras coisas, pela ascensão da extrema-direita, especialmente de Hitler, que tinha como uma de suas bandeiras parar de pagar as reparações de guerra exigidas pelo tratado. Daí que Oswald coloque-o como o cavalo de Hitler. A peça é de 1934, mas a temperatura do tempo histórico, com cheiro de guerra, já era sentida mesmo no Brasil. Na peça, o pós revolução é retratado pelo cavalo-máquina, que não é o animal de fato, mas o símbolo da máquina; até hoje a potência dos motores é medida em cavalos de potência. Esse cavalo-máquina traz consigo o desenvolvimento, o fim das diferenças de classes, e, dessa forma, Oswald usa o cavalo alegoricamente, para fazer um apanhado histórico do que seria e o que representaria a implantação do socialismo para a sociedade. Utilizar de cavalos históricos falantes em uma estrutura fragmentada ao exagero, obviamente, extrapola de muitas maneiras tudo que é convencional dentro do teatro; no entanto, essa foi

uma das maneiras brilhantes de Oswald falar da realidade e também de questões sociais dentro de sua peça.

Conclusões

Oswald de Andrade utilizou em sua obra elementos que julgava importantes para uma mudança social e estética sensível. Utopia, antropofagia, forma, conteúdo, exagero, radicalismo, tudo isso foi utilizado pelo autor para expressar o desejo revolucionário de uma sociedade mais igualitária. A peça de Oswald, ainda muito atual, projeta uma leitura única da história da humanidade, e discute o papel do teatro (e das artes), para sua realização – infelizmente, não houve encenação na época, nem depois. Ainda assim, estudar o teatro brasileiro e Oswald de Andrade nos faz conjecturar a respeito de quais elementos se fazem necessários para que tenhamos uma sociedade mais justa e sem a desigualdade latente que, ainda, nos assola, e como a arte se coloca nesse contexto.

Agradecimentos

Ao programa de Iniciação Científica (PIC). Ao orientador, Alexandre Villibor Flory, que contribui imensamente com meu processo de aprendizagem. E Fabrício, meu colega de leituras e discussões.

Referências

ANDRADE, O. **Obras completas v. 8. Teatro: A morta / O rei da vela / O homem e o cavalo.** São Paulo: Civilização brasileira, 1973.

BRANCO, C. **A dimensão política do teatro de Oswald de Andrade.** Dissertação (Mestrado em literatura) - Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

COSTA, I. A comédia desclassificada de Martins Pena. São Paulo: **Revista Trans/formação**, v.12, p. 1-22, 1989. Acesso em: 17/08/2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/t5kHj3dC5NHgzbcHF46Nx/?format=pdf&lang=pt>.

FARIA, J. **História do teatro brasileiro. v. II.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

ROSENFELD, A. **O teatro épico.** São Paulo: Perspectiva, 2011.